

País ainda não está em condições de atrair capital

O Brasil não oferece ainda, apesar da intenção do Plano Coltor em liberalizar a economia e derrubar as barreiras protecionistas, nenhuma condição de atrair investimentos estrangeiros pelo menos a curto prazo. A conclusão foi unânime nos encontros entre investidores estrangeiros e dirigentes de multinacionais sediadas no País no primeiro dia do **World Economic Forum — Brazil Meeting**.

Um dos coordenadores da mesa-redonda entre empresários europeus e brasileiros, José Francisco de Araújo Lima, que preside o Clube de Empresários do Brasil, alertou para a maior crítica feita pelos investidores ao nosso país. É um dos países que impõem a maior carga tributária ao investimento estrangeiro. A partir da ge-

ração do lucro até chegar ao caixa do investidor estrangeiro, a carga tributária chega a 80%, enquanto que na Tailândia ela é de 40%, no Chile de 45%, e na Hungria, de 25%. Enquanto os investimentos estrangeiros não chegam — e eles poderão vir na forma de conversão da dívida e privatização de estatais — os empresários brasileiros buscam outros mercados fora do Brasil. Em Portugal já existem 94 empresas brasileiras, da área de confecções, autopeças, petroquímica, construção civil e informática, totalizando US\$ 155 milhões de investimentos diretos, que começaram a ser viabilizados em 1987. Há dois anos o Brasil ocupava a 27ª posição em investimentos estrangeiros em Portugal, e no ano passado pulou para o quinto lugar. Neste ano, com a concreti-

zação de projetos da Cofap (US\$ 150 milhões) e Metal Leve (US\$ 100 milhões), o Brasil poderá se transformar no terceiro maior investidor, ficando atrás da Inglaterra e da Espanha, mas empatado com a Holanda.

Não é à toa que os empresários brasileiros preferem investir em Portugal. É que lá, ao contrário do Brasil, os incentivos para o capital estrangeiro são muito atraentes. Todas as empresas estabelecidas em Portugal independente da origem do capital são consideradas portuguesas e gozam dos privilégios previstos pelos Fundos Estruturais de Desenvolvimento Regional, que hoje possuem disponibilidade de US\$ 5 bilhões para emprestar aos investidores, com 45% do valor do projeto a fundo perdido.